



Literatura para a infância e finitude (humana): reflexões a partir da obra *Até passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós

Sibele Antônia Savegnago¹
Fabiano Tadeu Grazioli²

Resumo

O presente estudo centraliza suas discussões na temática da morte (finitude humana) e sua abordagem na literatura para a infância. Procurou-se analisar e compreender a contribuição da obra *Até passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós (2022), observada na perspectiva da leitura literária e da abordagem de um tema fraturante ou sensível, como a morte. Desse modo, são trazidas à discussão, em seção específica, principalmente as contribuições teóricas de Petit (2008, 2009, 2013), Aguiar (2010), Lotterman (2009), Gama-Khalil e Borges (2022), Anná e Michelli (2022), Coelho (2006), Chevalier e Gheerbrant (1989) e do próprio Queirós (2005). A partir delas são realizadas as análises que compõem a seção seguinte, em que o enredo e outros aspectos da narrativa são observados. Em síntese, pode-se afirmar que as camadas de significado da prosa poética de Queirós (2022) acolhem o tema fraturante da morte e, a partir dele, são propostas ao leitor da narrativa com seus elementos – em que pese a escolha da narração em primeira pessoa pelo protagonista; a densidade da prosa poética, capaz de levar à mirada interior que Gama-Khalil e Borges (2022) enfatizam ou de perceber a subjetividade (PETIT, 2008, 2009) ou a reparação (PETIT, 2013); e a utilização de elementos como o pássaro e o ovo na categoria de símbolos e, por isso mesmo, capazes de ascender ao sentido que a cultura de diversos lugares e períodos permitem reconhecer.

Palavras-chave:

Literatura infantil; Finitude; Análise literária.

Sobre os autores:

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguais e das Missões (URI), Campus de Erechim. **E-mail:** belisavegnago@hotmail.com | **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-7603-2845>

² Doutor e Mestre pela Universidade de Passo Fundo. Realiza estágio de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguaim e das Missões, URI, Campus de Erechim. **E-mail:** ftg@uricer.edu.br | **ORCID:** <http://orcid.org/00000002-3860-6767>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Não conheço, além do imenso tempo,
nada que tenha existido para sempre.*

Até o silêncio passa.

(Bartolomeu Campos de Queirós)

A morte é uma temática, muitas vezes, silenciada na infância e requer de nós, seres humanos – e, portanto, finitos –, uma visão realista e, ao mesmo tempo, afetuosa na sua abordagem. Para além de clichês e especulações de cunho místico-religioso, é necessário compreendê-la como algo inerente à vida. No contexto escolar de minha infância¹, no que se refere à finitude, apesar de a temática se fazer presente no dia a dia das famílias e, assim, das crianças, ela nunca saiu da “gaveta”. Apesar de a finitude se fazer presente em nossa comunidade e em todos os outros espaços/lugares, a escola não acolhia o assunto, não propunha discuti-lo, muito menos o elegia como central no enredo de uma narrativa literária.

Com base nessa experiência, o presente estudo, apresentado inicialmente como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim, versa sobre a temática da morte e sua abordagem sensível, por meio da literatura infantil mediante a análise da obra *Até passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós. Na oportunidade, buscou-se responder ao seguinte questionamento: como a literatura para a infância pode contribuir para o entendimento da temática da finitude junto às crianças, no sentido de construir uma visão realista e, ao mesmo tempo, afetiva acerca do encerramento do ciclo natural da existência?

O presente estudo encontra respaldo nas palavras de Luís César Oliva (2012), o qual enfatiza que o silenciamento acerca da morte não significa que as pessoas – idosas, crianças ou pessoas enlutadas – não pensem nela e, acima de tudo, não sejam afetadas por ela. De acordo com o pesquisador, o que se faz necessário repensar é o fato como a morte nos é apresentada ao longo de nossa existência, uma vez que o meio e a cultura em que estamos inseridos exercem influência sobre o modo como a percebemos e como ela impacta na nossa subjetividade.

O interesse para com esse tema de pesquisa surgiu também diante da necessidade de compreendê-lo para além do senso comum e das frases de efeito e considerações generalizadas, quando da experiência da passagem da minha filha, aos oito anos, ou seja, na infância. Na ocasião, pude perceber como a compreensão sobre a finitude pode impactar de forma positiva ou negativa a vida dos que permanecem, a depender de como o tema é abordado nos espaços em que sujeito interage, nas histórias que ouve, nas narrativas literárias que lhe são oferecidas

¹ A utilização da primeira pessoa do singular registra, nas “Considerações iniciais”, as experiências da autora principal do estudo.

dentro e fora da escola.

Dessa maneira, neste artigo destacamos como a literatura para a infância pode abordar esse tema tão sensível, ao apostar, principalmente, na linguagem e nos recursos poéticos disponíveis à criação literária direcionada à infância, construindo desde cedo uma relação mais sutil com a finitude. Na primeira seção, trouxemos questões pertinentes à criação literária destinada à criança, à leitura literária e à subjetividade que ela permite acessar e fomentar, além dos temas fraturantes que percorrem os textos para a infância. Os estudiosos que subsidiam as reflexões são o próprio Queirós (2005), que também é ensaísta, Ana Maria Machado (2005), Marina Colasanti (2005), Lygia Bojunga (2005) – escritoras que também possuem produção acadêmica sobre a literatura para a infância e a leitura –, Michèle Petti (2008, 2009, 2023), entre outros. Ainda na primeira seção, com objetivo de apresentar subsídios teóricos mais específicos sobre o tema, tratamos da morte (finitude) percebida como uma temática fraturante na literatura para a infância e a juventude, embasados nos estudos de Vera Teixeira de Aguiar (2010), Marisa Martins Gama-Khalil e Lilian Alves Borges (2022), Renata Corrêa Anná e Regina Michelli (2022), Clarice Lottermann (2009), entre outros.

Na segunda seção, passamos à análise da obra *Até passarinho passa*, apresentando o enredo e alguns aspectos da linguagem que permitem perceber a prosa poética de Queirós (2022) como capaz de sensibilizar o leitor e alcançar sua subjetividade. As considerações estão de acordo com os estudos trazidos na primeira seção, bem como as propostas delineadas por Nelly Novaes Coelho (2006), Roland Barthes (1993), entre outros. Além disso, observamos a utilização de simbologias no enredo e como elas podem ser lidas a partir de considerações de Jean-Claude Chevalier e Alain Gheerbrant (1989), autores do *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*.

LEITURA LITERÁRIA, SUBJETIVIDADE E PERTENCIMENTO

Ao recorrermos à leitura, em especial à leitura literária, notamos que ela tem capacidade de influenciar nossa subjetividade. Em contato com a literatura, o pensamento ganha outra dimensão, abrindo-se para o conhecimento estético. De acordo com o pesquisador espanhol Jorge Larossa (2001), o texto literário abre possibilidades para uma realidade ainda não pensada.

Na escrita literária, o escritor procede com um exercício de apreensão da poesia percebida sob sua ótica e a construção do texto vai encaminhar a leitura para uma experiência literária. Queirós (2005, p. 167) trata desses aspectos nestas palavras:

Sei que cada escritor mantém registrado em seu texto suas proposições singulares, suas características específicas, seus mistérios sem respostas ou seus encantamentos diante da poesia que circunda o mundo. Considero ainda que valores manifestados só são “valores” por não serem definidos, mas em constantes transformações. Nossa verdade inquestionável é a dúvida. Todo

escritor configura um texto, mas é a abertura em sua construção que vai conduzir o leitor a reconhecê-lo como literário ou não.

A sensibilidade é o alvo de quem escreve literatura, em especial para o público formado por crianças e adolescentes. Encontrar modos originais, criativos, inusitados e inteligentes de, por meio dos recursos da linguagem escrita e do imaginário de cada cultura, contar-lhes as histórias mais bonitas e necessárias, é o que move os escritores e escritoras de todas as épocas e de todos os lugares. Contudo, Queirós (2005, p. 169) pontua: “Não é bastante encontrar uma boa ideia, um fato suposto original ou um caso que ‘acho’ pertencer ao universo da criança. O cuidado com o assunto exige, simultaneamente, um rigor com a minha maneira de expressá-lo.”

Nesse sentido, ao adentrar no universo da criança por meio da escrita, é necessário cuidado com o(s) significado(s) que se deseja sugerir, de modo que escrever apenas com o objetivo de contar uma história não agrega em suas páginas a mesma importância de escrever uma história que dialoga com o leitor a partir da escrita, a partir do texto literário. Independentemente da temática abordada nos textos literários para a infância, não se trata de tarefa fácil ou facilitada, pois exige do autor se liberar da visão adultocêntrica e pedagógica que são reforçadas nos espaços culturais e na escola. Maria José Palo e Maria Rosa Duarte Oliveira (2006) observam que a criança mantém vínculos de dependência com o adulto, seja pela família, seja pelo sistema escolar, seja pelos outros sistemas culturais que operam ao lado dessa figura, como o editorial. É dessa relação que muitos autores se aproveitam quando escrevem para a infância e, a partir dela, fazem do texto literário porta-voz da sua visão, muitas vezes impregnada de valores moralistas e pedagógicos.

A construção literária requer entrega, paciência e labor, ou seja, trabalho. Sobre o processo criativo de sua escrita para a infância e a juventude, Queirós (2005, p. 169) comenta:

Na responsabilidade de elaborar um texto está implícito o cuidado com o leitor. Esse “melhor” de mim se efetiva quando inauguro uma nova linguagem, quando a liberdade se faz fio norteador, quando a inventividade se faz material indispensável de trabalho, quando não existe preconceito diante da fantasia, quando a sonoridade agrada aos ouvidos. Costumo ler em voz alta meu texto. Sinto-me feliz quando, ao final de um trabalho, percebo que eu “não sabia que sabia” o que escrevi. Busco na escrita inaugurar-me em cada texto. Sempre descubro, quando escrevo, que um lado obscuro e desconhecido vive comigo e só com escrita me reconheço mais.

De acordo com o autor, na criação literária, há de se ter certa liberdade para conduzir o trabalho. Tal liberdade preenche linhas ao mesmo tempo em que apaga os vestígios que possam se prender a padrões adultocêntricos e pedagógicos, dando espaço para o tão necessário diálogo subjetivo entre o leitor e o escritor. Contudo, a construção desse diálogo inicia a partir do contato com diferentes leituras. À medida que existem leituras que conduzem o leitor para um único

caminho – uma única possibilidade de compreensão –, há outras que, por meio dos recursos ficcionais e, principalmente, por meio da linguagem, oferecem distintos caminhos de compreensão, possibilitando ao leitor diferentes pontos de vista sobre uma história e, até mesmo, modos divergentes de compreendê-la.

Na concepção de Queirós (2005, p. 171), essa distinção permite percebermos a diferença entre um texto literário e um texto didático, já que:

Enquanto um texto didático procura uma convergência, todos os leitores chegando a uma mesma resposta, apontando para um único ponto, o texto literário procura divergência. Quanto mais diversificadas as considerações, quanto mais individuais as emoções, mais rico se torna o texto [...] Não há que se perguntar qual a mensagem do livro, mas o que o sujeito pensa sobre o que foi lido por ele. Deixo as “mensagens” para os livros de autoajuda e não para os literários. Há livro de “ensina”, ou melhor, determina a sina do sujeito. Há livro que concorre para o sujeito reinventar o seu destino.

De acordo com Colasanti (2005), a qualidade de uma obra literária possui aspectos que se igualam para todas as faixas etárias: um conteúdo rico em sua forma, mais especificamente, textos que são produtos da engenhosidade de autores cuja inventatividade agrada ao leitor. Ainda sobre esse ponto, Colasanti (2005, p. 180) afirma: “Da literatura não fazem parte: o lugar-comum, a frase feita, a história previsível, a linguagem infantilizante, a função didático-moralizante.” Além disso, os textos literários são aqueles que acessam a emoção do leitor, criando espaço para que ele possa se encontrar com a sua interioridade, sua subjetividade.

Na abordagem desse aspecto, a pesquisadora francesa Michele Petit (2008, p. 72) ressalta:

[...] poder pensar em sua subjetividade, manter um sentimento de individualidade, adquire uma importância ainda maior, acredito, pelo fato de [o leitor] ficar menos exposto a uma relação totalizadora com um grupo, uma etnia, uma igreja, uma mesquita ou um território, usada como proteção para as crises de identidade, a marginalização política e econômica. Ao ouvirmos os jovens que conhecemos e que evitaram, em sua memória, essas armadilhas, percebemos que a leitura e a biblioteca podem contribuir na elaboração de uma representação mais complexa, mais rica, de si mesmos [...].

Na esteira do pensamento de Petit (2008), faz-se importante refletir sobre os meios que colaboram para a construção da identidade do sujeito, muitas vezes reprimida e à mercê da força de grupos relacionados à etnia, à igreja, ao estado, ou de situações econômicas e políticas. No entendimento da pesquisadora:

Ler é portanto a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e de reforçar o espírito crítico. De obter uma certa distância, um certo “jogo” em relação aos modos de pensar e viver de seus próximos. Poder conjugar suas relações de inclusão quando se

encontram entre duas culturas [...] Em termos mais gerais, é um atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia (PETIT, 2008, p. 56-57).

De acordo com a autora, a leitura possibilita a construção da identidade singular de que falávamos anteriormente, contudo, incapaz de fechar-se em um único segmento, de pertencer a uma única esfera, a um único espaço. É por reforçar o espírito crítico que a atividade leitora, de acordo com Petit (2008), desvia o leitor de modos integrais de pertencimentos, capazes de limitá-lo. É nesse sentido que a pesquisadora também afirma:

Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mas íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade (PETIT, 2008, p. 95).

A relação de pertencimento e humanidade compartilhada é a principal ferramenta que impede o sujeito de permanecer estagnado num espaço de opressão e limitação, onde o livro, a literatura, enfim, a leitura literária:

[...] permite[m] recuperar o sentimento da própria continuidade e a capacidade de estabelecer laços com o mundo. Também é um depositário de energia e, como tal, pode nos dar força para passarmos a outra coisa, para irmos a outro lugar, para sairmos da imobilidade (PETIT, 2013, p. 79).

Quando pensamos a construção da identidade em relação ao texto literário, a diferença da natureza e as características desse texto, quanto ao texto informativo ou didático, já sinalizam uma possibilidade de alcançá-la sem amarras exteriores. Enquanto o texto didático objetiva uma reflexão coletiva, isto é, os leitores chegando a um único raciocínio, o texto literário permite uma experiência individualizada, porque permite leituras a partir de conhecimentos e experiências pessoais. É assim que a literatura permite a abertura de caminhos para a construção da interioridade, base da identidade do sujeito, espaço de resgate e reserva daquilo que é mais íntimo, daquilo que é subjetivo.

Nas considerações de Petit (2008, p. 43), a subjetividade também tem valor porque:

Ao compartilhar a leitura cada pessoa pode experimentar de um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempo passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. [...] Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

As palavras de Petit (2008) apontam para a possibilidade de a leitura

oferecer ao leitor o pertencimento a um universo, a um mundo, de modo que o mais íntimo, o mais particular de um leitor, pode ganhar, assim, aspecto universal.

Essa dupla tarefa do texto literário – oferecer ao leitor a possibilidade de refinar sua identidade pelo que consegue perceber de sua individualidade e, ao mesmo tempo, encontrar um grau de pertencimento em relação ao mundo e suas diferentes culturas – faz com que sua presença e circulação seja estimada em espaços como a escola e a biblioteca. Além disso, tais credenciais fazem com que, nesses espaços, a qualidade dos textos literários seja uma discussão que orienta mediadores de leitura e escritores e deveria ser parâmetro para o meio editorial.

A qualidade da produção literária, principalmente das obras dedicadas às crianças, também é abordada por Machado (2005). De acordo com a escritora, um livro dialoga com o outro, uma leitura ilumina a outra, numa dependência e interligação que o leitor percebe se estiver disposto a observar a cadeia intertextual, as temáticas, os gêneros literários. “O leitor vai mesmo desenvolvendo o gosto e a percepção à medida que vai tendo mais intimidade com a literatura”, destaca Machado (2005, p. 178).

Em contato com o mercado editorial, o leitor está exposto à categorias bastante diversas de livros e, nesse grande mosaico, encontra-se o livro literário. A experiência do contato com a leitura, ao mesmo tempo que expõe o leitor à dúvida sobre qual livro escolher, determina também como este vai refinando seu gosto perante essas escolhas. A escritora Lygia Bojunga (2005, p. 179, grifo da autora), tratando dessas questões, ressalta:

Quando eu era criança, achava que um livro ótimo (eu não pensava em termos de qualidade) era aquele que era bom de ler.
Quando eu era jovem, achava que um livro ótimo era aquele que era bom de comentar, debater “trocar figurinhas” com meus amigos.
Quando eu me adentrei pela vida afora, passei a achar que QUALIDADE LITERÁRIA é aquele toque muito especial que alguns escritores conseguem dar nos livros que escrevem – o toque que emociona, surpreende, faz rir, chorar, pensar e repensar, em suma: o toque que nos faz crescer. É esse toque que – na literatura para qualquer idade – me faz identificar uma obra literária como tendo qualidade.

Em cada fase da vida, a leitura exerce um papel muito importante na construção do sujeito leitor. Esse papel possui dimensão muito maior na infância e na adolescência. Contudo, também pode ser crucial nas fases da vida em que precisamos nos reconstruir de uma perda, de um trauma, do luto, conforme sinaliza Petit (2013). Nesses casos, a leitura literária pode ser uma via para a reconstrução de nossa subjetividade, conforme a pesquisadora destaca:

Elementos múltiplos [...] contribuem para uma reconstrução de si: pode ser uma voz que é encontrada em um livro, e com ela uma presença, um ritmo que sustenta e embala; ou então um espaço que se abre, um horizonte; ou ainda a possibilidade de dar-se uma figuração, uma encenação distanciada do que se viveu, que relança o pensamento, a narração interior, e em certas ocasiões a conversa; às vezes, o que se encontra é uma vitalidade, ou um alimento que nutre,

ou um olhar bem-intencionado que remete uma imagem unificada e valorizada de si mesmo, etc. (PETIT, 2009, p. 174).

Entretanto, o acesso a um acervo compatível com essas temáticas requer cautela, uma vez que a leitura literária cumpre o papel de acessar as emoções do leitor. Nesse aspecto, a literatura infantil e juvenil (LIJ) tem nomeado o conjunto de assuntos que mencionamos como **temas fraturantes** ou **sensíveis**. De acordo com as discussões propostas por Gama-Khalil e Borges (2022, p. 12), os acontecimentos fraturantes são “aqueles que desestabilizam o sujeito, incitando nele o medo e/ou a angústia e/ou o pavor e/ou a ansiedade e outros sentimentos relacionados ao trauma”.

As pesquisadoras Renata Corrêa Anná e Regina Michelli (2022, p. 105) possibilitam arrolar outros temas fraturantes:

No escopo da literatura potencialmente destinada a crianças e jovens, convencionou-se denominar de temas fraturantes ou tabus, as temáticas que envolvam a morte, o luto, a perda, a dor, a violência, a guerra, *bullying*, questões de gênero, suicídio, preconceitos.

O modo como o enredo é construído e o envolvimento das personagens com essas temáticas garantem a aderência do leitor à narrativa, porque, como explicam Gama-Khalil, Borges e Andréia de Oliveira-Iguma (2022, p. 8), o contato que elas mantêm com a temática não é superficial, muito pelo contrário:

As personagens vivem um embate com situações traumáticas – como a morte, o suicídio, o preconceito, dentre muitos outros – e as enfrentam por meio de imersões em seu eu, a partir do “espiar para dentro”. Essa mirada interna não se concretiza como uma fuga, porém como uma reelaboração de si, de sua subjetividade, como ocorre em muitas obras de Lygia Bojunga, de Bartolomeu Campos de Queirós, João Anzanello Carrascoza, para citar apenas alguns exemplos.

A reelaboração da subjetividade de que tratávamos a partir de Petit (2008, 2009) encontra nos temas fraturantes e sensíveis abordados nas obras literárias uma possibilidade potencial de ocorrer, uma vez que a leitura é considerada pela pesquisadora “um caminho privilegiado e de acesso íntimo, além de resgatar a força para que o sujeito tenha condições de sair daquilo lhe machuca”. (PETIT, 2013, p. 66).

DOS TEMAS FRATURANTES E SENSÍVEIS, UM: A FINITUDE HUMANA

A finitude humana é um assunto delicado, o que leva as pessoas, em sua grande maioria, evitarem a falar sobre ele. Oliva (2012, p. 9) reconhece esse silenciamento sobre o tema e explica:

Falar da morte é um incômodo porque sua imagem está aí, assombrando-nos, e falar dela é trazer à tona aquilo que todos

carregam em silêncio, como se não falar de um peso em nossas costas pudesse torná-lo mais leve. Mais do que respeito e compaixão pelos doentes, crianças ou viúvos, é esse incômodo que inibe a discussão, e essa inibição acabou por constituir-se em um costume bastante difundido nos dias de hoje: evitar falar da morte e, por consequência, evitar refletir sobre ela.

Como resultado da renúncia ao tema, o silêncio se apresenta como a alternativa mais viável; contudo, há de se reconhecer que “somos incapazes de evitar que a morte nos venha à mente, o que está em questão não é tanto pensar ou não pensar nela, mas de que maneira pensar” (OLIVA, 2012, p. 10). *Grosso modo*, o início de um entendimento a respeito da morte pode partir da observação do cotidiano, no qual o conceito de finitude se aplica a vários contextos: no encerramento de um período de estudos, no exercício de uma profissão, no apego por um objeto do qual nos desfazemos, no tempo de existência ou convivência com animais de estimação, no tempo em que permanecemos ao lado das pessoas que amamos (esposo, esposa, filhos, mãe, pai, irmão, irmã, amigos).

Além disso, há uma curiosidade inerente, principalmente das crianças, sobre os diversos aspectos que envolvem a vida, fazendo-a emergir frente aos olhos das crianças e dos adultos como um jogo de perguntas e respostas diante dos acontecimentos que nos cercam. Observando a curiosidade inerente à infância, Fanny Abramovich (2005, p. 98) destaca:

Querer saber de todo o processo que acontece, do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade natural da criança, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular...saber sobre seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação (fácil ou difícil) com os outros faz parte do seu perguntar sobre si mesma e do precisar encontrar respostas.

Pensando na necessidade de encontrarmos respostas, principalmente sobre o tema da finitude humana, observamos na literatura infantil diferentes abordagens sobre o tema, quando colocamos em perspectiva diferentes períodos desde que a literatura começou a ser pensada para esse grupo. A pesquisadora Vera Teixeira de Aguiar (2010, p. 24), observando os contos de fadas dentro do panorama da cultura ocidental, destaca que esse conjunto de produções oferece à criança uma concepção de morte como parte da trajetória da vida do homem. No estudo “A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil”, Aguiar (2010, p. 38) analisa a presença da morte dos genitores (pais) em contos de fadas e, considerando a exemplariedade desse gênero literário, conclui:

Para a criança, o conto deixa a mensagem de que a morte deve ser considerada um fato natural (as pessoas morrem e isso é inevitável), mas não gratuito. Quando alguém morre, a vida transforma-se, novos arranjos familiares e sociais organizam-se, daí derivando problemas e necessidades de soluções. A morte, por conseguinte, assegura a continuidade da vida, quer por lhe dar nova configuração, quer porque os que vão deixar lições que nos ajudam a seguir nosso caminho.

A pesquisadora Clarice Lottermann (2009), no estudo “Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira”, analisa um importante conjunto de obras, sobretudo contemporâneas ao período da publicação do ensaio e, a partir dele, afirma:

[...] na literatura infantil e juvenil, há maior incidência de obras em que a morte é tratada como efeméride, como um acontecimento que, a despeito das consequências que acarreta, não provoca mudança de valores ou conceitos. Nesses casos, a morte é banalizada, não incita reflexões sobre a vida. E mesmo que haja dor, ela rapidamente se esvai: às vezes nem se faz menção ao sofrimento e ao luto. A morte deixa sua marca, mas tal impressão nunca é uma cicatriz: apaga-se com facilidade. (LOTTERMANN, 2009, p. 8).

No nosso entendimento, a abordagem superficial é uma herança do propósito de se criar uma sociedade organizada e otimista, sem lugar para o sofrimento, na qual a morte seja apagada, que figurou no século XIX, sobretudo a partir da sua segunda metade. Na obra “História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias”, Philippe Ariés (1977, p. 53) sublinha como a relação do homem com a morte foi se tornando coibida:

[H]á mais ou menos um terço de século, assistimos a uma revolução brutal das idéias (*sic*) e dos sentimentos tradicionais; tão brutal, que não deixou de chocar os observadores sociais. Na realidade, trata-se de um fenômeno absolutamente inaudito. A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição.

Assim, as práticas sociais e culturais passaram a colocar a morte num lugar de invisibilidade e silenciamento, como se, dessa maneira, os indivíduos estivessem protegidos da instabilidade que ela provoca e fora do seu alcance. Por outro lado, ao mirarmos o mundo contemporâneo, percebemos que o tema da morte é muito recorrente, pois, a todo momento, ela é anunciada em diferentes contextos, como observa Abramovich (2005, p. 111):

Ao nível do que acontece no mundo, ela é informada o tempo todo: de que há guerras, bombardeios, epidemias disto ou daquilo, acidentes, atentados terroristas neste avião ou naquela cidade, tiroteios com a polícia, falecimento desta ou daquela celebridade, deste ou daquele vizinho... sem contar que as pessoas de qualquer idade podem falecer por doença ou acidente a qualquer instante. Ou seja, de um jeito ou de outro, a morte faz parte dos noticiários, faz parte dos comentários, faz parte das lamentações, faz parte das indagações.

Além disso, atualmente, a velocidade com que os recursos tecnológicos aproximam os fatos e as pessoas faz com que as notícias de temática trágica, além de recorrentes, estejam à disposição das pessoas quase instantaneamente. Se não podemos impedir essa invasão de informações, podemos, pelo menos, observar, analisar e discutir de que forma escritores e escritoras se utilizam do tema da finitude humana na literatura destinada à infância. Nesse sentido, convém

considerar que, desde a infância, a literatura exerce um papel muito importante nas emoções da criança, como sublinha Ligia Cademartori (2006, p. 8):

A investigação analítica, contudo, só recentemente passou a dar atenção à produção literária voltada à criança, revelando o lugar que as personagens e os conflitos das histórias infantis ocupam no imaginário e o papel que desempenham no equilíbrio emocional da criança. Trabalhos de vertente psicanalítica, sociológica, pedagógica têm mostrado que a literatura para a criança não é tão inócua assim, e que há algo de sério no reino encantado das histórias infantis.

Desse modo, é necessário atentar para o efeito que a leitura provoca no imaginário infantil, uma vez que estimula o raciocínio, a concentração, a compreensão e, como viemos tratando, implica a elaboração e reelaboração da subjetividade dos leitores. As histórias endereçadas às crianças não são qualquer história inventada como passatempo, enredos que resultam de amontoados de ações e expressões no diminutivo, apesar de muitos autores e autoras assim procederem em relação ao texto que destinam a esse público. Elas ressoam de modo especial no intelecto e na subjetividade dos pequenos, principalmente no que se refere à abordagem da finitude, porque esse tema influencia diretamente as emoções das crianças leitoras.

ATÉ PASSARINHO PASSA, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Propostas criativas como a que percebemos em *Até passarinho passa*, cujo tema da finitude é assumido na centralidade da narrativa e, ao mesmo tempo, capaz de oferecer a ele tratamento poético, sobretudo pela exploração da linguagem, é algo não recorrente na literatura para a infância, como tratávamos anteriormente. A autoria da narrativa verbal é do escritor brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), mineiro, presença marcante na LIJ brasileira desde a publicação de *O peixe e o pássaro*, em 1974. Desde que foi publicada, em 2003, a obra recebeu ilustrações de Elizabeth Teixeira, que enriquecem o enredo e exploram o imaginário proposto pela autoria em discussão, além de agregar ao texto a linguagem visual característica da ilustradora.

Bartô, como ficaria conhecido no meio literário, desempenhou importantes funções como professor, poeta e intelectual humanista, mas o seu principal legado é como escritor de literatura para crianças e jovens. Atento ao seu tempo, o escritor acreditava na força da palavra como criadora do real e destinava seus escritos para as mentes em formação sempre em sintonia com o tempo em transformação (COELHO, 2006).

Nelly Novaes Coelho (2006, p. 98), no *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, registra a importância do autor nas seguintes palavras:

Sua arte poética é das que fundem tradição e transgressão, numa linha de pensamento atualizadíssima, a que vê o hoje, como invisível elo da infinda corrente de vida que vem do ontem e como

fermentação dos elos que revelarão o amanhã.

Os aspectos que diferenciam um texto literário para a infância, de um texto cujo objetivo é atender às demandas de informação, estão nos recursos que chamamos de estéticos e estilísticos. É a partir de tais recursos que se constrói a função poética, o uso diversificado da informação, a linguagem que permite interpretações diversas por parte do leitor, que passa a construir significados particulares a partir do contato com a narrativa. A natureza do livro literário já o coloca em outra dimensão, para além do depósito de informações ou da prática pedagógica, como bem destaca Cademartori (2006, p. 18):

O inegável vínculo da literatura infantil com a educação não deve deixar que se pense que o texto para criança passou do esquecimento para o papel de subsidiário da educação formal. Sua natureza literária já o coloca além dos objetivos pedagógicos comprometidos com a legitimação das instituições, costumes e crenças que a geração adulta quer legar à infantil.

A construção de *Até passarinho passa* investe no efeito das emoções e sentimentos que chegam com a finitude. O enredo é construído em torno da relação de amizade entre o narrador e o pássaro, seu amigo. O pássaro sublinha uma relação de companheirismo e afeto, que logo ganha um lugar especial no coração do menino e, na narrativa, tem valor simbólico da primeira amizade verdadeira, da experiência da entrega verdadeira que, pelo que percebemos, ocorre pela primeira vez da parte do menino. Na sequência do enredo, o pássaro faz sua passagem, e o menino precisa aprender a conviver com a sua ausência. Na proposta de Queirós (2022), é nesse momento que o leitor compreende que, para tamanha amizade e entrega, corresponde tamanha dor, experimentada quando da morte do pássaro.

No decorrer da história, o narrador trata sobre o tempo, sobre o início e fim das coisas, oferecendo ao leitor reflexões sobre esses temas por meio de genuína prosa poética, construída porque o escritor sabe trazer ao texto narrativo a “[p]oesia arraigada no oculto dos seres em contraponto com a concretude visível das realidades, [...] que desafiam o leitor a decifrar o não-escrito”. (COELHO, 2006, p. 124). Desde a abertura da obra, é possível identificar que a força poética da obra reside na linguagem. Nos parágrafos iniciais, o autor contextualiza um lugar e um tempo que, como tantas coisas, passou e destaca características desse tempo e lugar que vão sendo reforçadas no decorrer da narrativa:

Nossa casa já não existe. Como tantas outras coisas ela já passou. Mas naquele tempo ela tinha uma pequena varanda forrada de ladrilho xadrez, frio e limpo. Galhos do maracujá cresciam e se enroscavam com ternura na madeira do telhado. E suas flores, brincos roxos de princesa, viviam breves, dependuradas como estrelas em um céu baixo que as mãos podiam tocar. O outro céu ficava muito longe e demandava tempo encontrá-lo. Eu não sabia se os frutos engoliam as flores ou se as estrelas se transformavam em frutos. Os olhos não

davam conta de acompanhar as transformações. A natureza era lenta e os olhos muito afritos (QUEIRÓS, 2022, p. 7).

Ao falar sobre a casa, o narrador aborda também sobre o tempo, isto é, a duração das coisas. A casa, que já não existe fisicamente, também aponta para uma noção de finitude: ele habitará a casa e, no tempo em que a narração é estabelecida, a casa passa a habitar sua memória, porque, assim como as outras coisas, a casa também passou. No desenrolar da narrativa, a passagem do tempo também se reflete nos elementos da natureza que rodeiam o protagonista: “O certo é que de repente as flores se despediam sem guerras e os frutos brotavam, devagarinho, em seus lugares. Cresciam sem pressa e amadureciam em seu ritmo” (QUEIRÓS, 2022, p. 9). A presença do tempo é notada pelo narrador por meio do crescimento das plantas, por meio da transformação (passagem) das flores aos frutos. Tal crescimento e amadurecimento têm um ritmo que é o da natureza, que se impõe na vida circundante e, logo, na percepção do menino.

A força da presença amiga do pássaro na vida do narrador é enfatizada nestas palavras: “Mas havia naquele tempo, entre tantos outros, um passarinho que eu mais amava. Ele chegava por um voo raso. Pousava sobre a grade da varanda, olhando por todos os lados. Parecia querer estar só comigo [...]” (QUEIRÓS, 2022, p. 22). Assim, compreendemos que a interação entre o menino e o pássaro acontece sem pretensões, importando para ambos apenas a alegria do encontro e do momento presente. A simbologia do pássaro encontra ressonância nas palavras de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1989, p. 687), que sinalizam:

O voo dos pássaros os predispõe, é claro a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu. É essa a significação dos pássaros no taoísmo, onde os imortais adotam a forma de aves para significar a leveza, a liberação do peso do terrestre [...] na mesma perspectiva, o pássaro é a representação da alma que se liberta do corpo, ou apenas o símbolo das funções intelectuais.

Dessa forma, a presença do pássaro e seus modos de existir/viver ampliam o sentido do enredo e tornam-se uma maneira de o narrador entrar em contato com os aspectos elevados (céu). Na abertura do texto, ele menciona: “O outro céu ficava muito longe e demandava tempo encontrá-lo” (QUEIRÓS, 2022, p. 7), de modo que os pássaros que recolhem as migalhas do alpendre e, em especial o passarinho que se torna seu amigo, possibilitam encontrar o céu e, portanto, preencher espaços (lonjuras) e tempos. Além disso, o pássaro reúne significados diferentes para vários povos em diferentes contextos: “De modo ainda mais geral, os pássaros simbolizam os estados espirituais, os anjos, os estados superiores do ser” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 687).

Na evolução do enredo, o fato mais importante é a morte do passarinho, cuja causa não é sabida pelo narrador e, por óbvio, nem revelada ao leitor, mas sentida por ele com a força e o pesar da separação e da finitude, experiência primeira do menino nessa seara de sentimentos. A prosa poética de Queirós não

cessa, pelo contrário, mantém o nível de elaboração das analogias e jogos de sentido e, por estar trazendo as camadas sensíveis da temática, atravessa a sensibilidade do leitor com mais intensidade, como podemos perceber em um dos modos de o narrador expressar a sua tristeza: “A água dos meus olhos trouxe para minha boca um gosto de mar. Meu corpo inteiro se afogava numa tristeza exagerada” (QUEIRÓS, 2003, p. 26).

Ademais, de acordo com Fabiano Tadeu Grazioli (2020), o narrador, enquanto enunciador do relato, evidencia que a relação entre a amizade e a perda é proporcionada pela natureza da linguagem poética, sendo ela capaz de envolver o leitor em um universo subjetivo. De acordo com autor, isso fica mais evidente quando o narrador assume, a seu modo e condições, o ritual que envolve o enterro do pássaro amigo e, após, passa a enfrentar a solidão, tendo consigo apenas a certeza da ausência, da falta e finitude da vida (GRAZIOLI, 2020). Contudo, acrescentamos: a subjetividade do leitor é alcançada pelo empenho do narrador em seguir com seu relato, sem economizar nos detalhes, nas analogias, enfim, na composição da prosa poética que percorre o enredo, como podemos perceber nos últimos parágrafos da obra:

Entre os meus guardados havia uma caixinha de papelão colorida, estampada com nuvens e estrelas. Busquei sem revelar para ninguém o seu destino. Forrei com algumas folhas mortas trazidas pelo vento, umedecidas pelo orvalho. Procurei tornar macio seu último ninho. Em volta da casa havia um canteiro de flores. Escolhi uma sombra e escavei uma pequena cova.

Deitei no fundo o corpo do meu amigo, agora sem canto ou voo. Cobri com terra, ternura e desalento. **Coloquei uma pedra rolada e branca como um ovo e coloquei sobre o lugar.** Prometi ao meu amigo nunca revelar sua partida nem sussurrar sobre nossa amizade. Guardaria só para mim tamanha saudade. Passei o resto do dia no alpendre frio e limpo, sem olhos para mais nada. Meu coração estava cheio de vazio. Quando a noite chegou fui para a noite definitivamente só, sem ter a esperança como companheira. Nem futuro eu guardava. Com o cobertor enrolei meu corpo por inteiro. E no escuro da primeira noite, em crua solidão, só um pensamento cruel e claro me acompanhava: até passarinho passa (QUEIRÓS, 2010, p. 30-31, grifo nosso).

Com efeito, de acordo com Grazioli (2020, p. 282), “para além da temática da obra e do fragmento (amizade e morte), é nos arranjos da linguagem que reside a possibilidade de o leitor vivenciar de fato as experiências que Barthes prevê para o ‘texto de fruição’”. Nessa categoria, de acordo com o teórico francês, estão os textos que “põe em estado de perda, aquele que desconforta [...], faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” (BARTHES, 1993, p. 21).

A experiência descrita por Roland Barthes (1993), acreditamos, é capaz de caracterizar a relação do leitor com a narrativa de Queirós (2022), considerando a construção do enredo e o fechamento da história. *Até passarinho passa* é capaz de

desacomodar o leitor, colocando-o em espaços que não lhe são familiares e habituais, nos quais será possível vivenciar o desconforto, o abalo, a perda, mesmo que momentânea de suas certezas históricas, culturais, psicológicas. Cabe lembrar que as crianças também possuem essas referências e, assim, em contato com a obra e numa crescente, é possível vivenciar uma espécie de crise em que importa, em grande medida, a sua relação com a linguagem, que só consegue o efeito descrito por Barthes porque o trabalho com a linguagem é articulado esteticamente, criativamente.

Em paralelo à simbologia do pássaro, outro aspecto que chama a atenção está na escolha de uma pedra semelhante a um ovo para marcar o lugar da sepultura do pássaro amigo, destacada por nós no fragmento transcrito. A relação de semelhança sinalizada pelo narrador nos permite pensar na relação que aproxima o pássaro do ovo, enquanto símbolo, que encontra explicação nas palavras de Chevalier e Gheerbrant (1989, p. 672):

O ovo, considerado como aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação, é um símbolo universal e explica-se por si mesmo. O nascimento do mundo a partir de um ovo é uma ideia comum a celtas, gregos, egípcios [...]

No *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (1989), o ovo é tido como elemento que possui sua representação fixada na história e na cultura dos povos desde muito tempo. Dos diversos aspectos arrolados pelos autores, destacamos ainda:

É bem claro que o ovo simboliza o renascimento e a repetição; não é menos claro que, segundo os textos mais antigos, o ovo é, nas origens, um germe ou uma realidade primordial. Sua função cíclica é consecutiva ao seu primeiro papel. Se há construção racionalista, achamos que está antes numa concepção inspirada num modelo cosmogônico, que se repetiria. O que não impede que o ovo também simbolize um ciclo biológico (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 674).

Assim, podemos afirmar que Queirós (2022) não se apropria do elemento em questão de forma abstrata. Ao escolher a pedra rolada e branca que remete ao ovo e depositá-la sobre o corpo do pássaro, ele sinaliza que os ciclos entre a vida e a morte se alinham com certa constância. Apesar de o ovo ser de pedra e remeter, por esse viés, também a uma lápide – trazendo a finitude como um ciclo que se encerra –, seu formato recupera a simbologia de que falam os pesquisadores franceses: a conexão com o renascimento, com uma possível continuidade da vida, um aceno de esperança, talvez o único, no fechamento do enredo.

Outro ponto importante a ser notado, segundo Grazioli, (2020, p. 282, grifo do autor), em relação ao último parágrafo, é que:

[...] no fechamento do parágrafo, que é também o fechamento da obra, o título da narrativa nasce da condensação da experiência do narrador protagonista, que nas suas vivências de menino

compreende, como bem sinaliza o título, que a vida é finita, breve, e que viver implica também separar-nos daqueles que *passam* (notem a referência à passagem, passamento, trânsito, travessia), mesmo que isso denote dor e sofrimento e não represente uma experiência que possa ilustrar prazer, pelo contrário, pelas circunstâncias em que a linguagem se impõe e pelo conteúdo que comunica, a relação com o leitor se dá em outros níveis, como no das incertezas, do desconforto, da crise.

Não sabemos o que está depois da morte. Entretanto, no que se relaciona ao fato que a antecede, compreendemos que, quando abordada desde a infância, por meio de narrativas enriquecidas pela linguagem e pela simbologia, *Até passarinho passa* é exemplo a partir do qual podemos inferir que, mesmo sem saber sobre os significados dos símbolos que arrolamos, seus sentidos já nos eram, de certa forma, conhecidos pelas experiências culturais das quais participamos. Se não conhecíamos a simbologia “dicionarizada”, com o conhecimento e a erudição de Chevalier e Gheerbrant (1989), pelo menos intuíamos nuances do aproveitamento que Queirós fez da sua representação na escrita literária endereçada à infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada período da história, a literatura atribuiu à morte novos sentidos, considerando aspectos específicos da cultura e, dentre eles, características que se ligam ao tema, como os rituais fúnebres, propondo interpretações relacionadas ao pensamento predominante de cada época. Quando observamos a autoria de modo mais particularizado, notamos que a abordagem da morte se vinculava às intenções dos escritores, ao mesmo tempo que sua vocação literária deixa a abertura para a aderência dos leitores de outros contextos culturais e períodos:

[...] O texto literário é sempre, pois, um documento particular, resultado de uma consciência individual, que remete ao universal. Isso acontece não simplesmente porque os assuntos sejam sempre os mesmos, mas, ao contrário, porque o escritor dá às palavras a possibilidade de múltiplas interpretações, o que permite sua leitura variada em contextos espaciais e temporais diferentes. Uma obra permanece porque se mostra original em cada nova situação, segundo a feição de quem a lê (AGUIAR, 2010, p. 23).

Contudo, escrever sobre temas fraturantes ou sensíveis como a morte, principalmente para o público infantil, requer que essa consciência, embora individual, possa nutrir-se de verdades, tendo o cuidado para não expor os sentimentos associados ao tema de forma superficial. Para abordar a finitude humana na narrativa para a infância, é necessário, segundo Abramovich (2005, p. 98), fazê-lo “[...] sem medo, sem reservas, sem fugir das questões principais ou fazer-de-conta que não existem [...] Ou, colocando num parágrafo, cheio de evasivas, mil explicações, às vezes até confusas ou atabalhoadas.”

Até passarinho passa, uma das histórias mais conhecidas do Bartô, é uma narrativa contemporânea endereçada à infância e, nesse sentido, comparece ao

grupo de textos literários caracterizados por Aguiar (2010): capaz de ser atemporal e universal, ao mesmo tempo que propõe uma maneira particularizada de utilizar a linguagem, deixando aberturas para o leitor realizar a compreensão e a leitura de acordo com suas feições. É uma obra que também está ao alcance daquilo que Abramovich (2005) levanta como fundamental na abordagem da temática da finitude, porque não desvia a criança leitora do assunto e ainda o faz utilizando-se de linguagem potencialmente poética, apostando na prosa poética característica das obras de Queirós. Além disso, o uso de elementos simbólicos coloca o texto em sintonia com aspectos da cultura de diferentes locais e, tal como a linguagem literária, oferecem ao leitor a oportunidade de perceber as nuances de seu escopo cultural refletidas no texto. Para não fazê-lo de maneira realista, o que não seria aconselhável e, acreditamos, nem interessaria ao projeto literário do autor, seu investimento foi nesses recursos, que ficaram exemplificados e, pelo menos comentados (senão analisados), nas seções anteriores.

No estudo de Lottermann (2009) mencionado anteriormente, a pesquisadora assinala como função das obras que propõem reflexões sobre a tensão vida/morte: “[...] preparar o jovem leitor para o lado trágico da existência, discutir e apresentar aquilo de que se foge na vida real: cenas de velório e enterro, choro, morte de pessoas da família, luto e dor” (LOTTERMANN, 2009, p. 8). Nesse sentido, a autora aponta para o entendimento de tais narrativas como instrumentos de aproximação entre o leitor e o tema da morte, percebendo neles uma tarefa ritualística na vida das crianças e jovens leitores, porque são capazes de possibilitar a vivência de rituais fúnebres que a sociedade atual tende a suprimir ou a diluir (LOTTERMANN, 2009). *Até passarinho passa*, apesar de colocar em evidência a morte de um pássaro, consegue sublinhar esse caráter que a pesquisadora vê nas narrativas sobre a finitude, porque não dispense menos pesar, dor e sofrimento por parte do narrador protagonista.

A morte de que trata a narrativa é a primeira experiência em torno da finitude que leva o narrador a adentrar as camadas fraturantes do tema e, por isso, é sentida com tamanha intensidade. Para o pássaro morto, o menino, inundado de tristeza e silêncio, prepara a despedida e exemplifica, numa época em que “se chega ao paroxismo de agir como se os mortos estivessem vivos recebendo pela última vez os amigos” (LOTTERMANN, 2009, p. 9), o que os antigos rituais acerca da morte propunham: confortar, de alguma maneira, os vivos e afastar os mortos. Dessa maneira, a leitura literária cumpre um caráter de iniciação importante: inserir a criança na seara dos temas fraturantes e sensíveis, bem como acessar o mundo subjetivo, espaço de constante elaboração e reelaboração.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosura e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2005.

AGUIAR, V. T. de; CECCANTINI, J. L.; MARTHA, A. Á. P. *Heróis contra a parede*:

estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 23-42.

ANNÁ, R. C.; MICHELLI, R. Criando mundos possíveis na e pela ficção de *Vermelho amargo*. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (Orgs.). *“Espiar pra dentro”*: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 89-112.

ARIÉS, P. *A história da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução Jacó Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOJUNGA, L. O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Depoimentos. In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. p. 179-180.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COLASANTI, M. O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Depoimentos. In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. p. 180-180.

GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de. “Apresentação”. In: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Orgs.). *“Espiar pra dentro”*: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 7-14.

GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A. A mirada interna nas tramas das literaturas para crianças e jovens. In: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Orgs.). *“Espiar pra dentro”*: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 7-14.

GRAZIOLI, F. T. A literatura para a infância na escola: os contornos que não podem ser esquecidos. In: TAUFER, A. L.; CUSTÓDIO, P. B.; RAMOS, W. F. (Org.). *Mediação de leitura literária e formação de leitores - Ensino Fundamental I*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020. p. 273-294.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução Alfredo Veiga-Neto 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOTTERMANN, C. Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA. 1, 2009. *Anais...*

Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 1-10.

MACHADO, A. M. O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Depoimentos. In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil?* Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 178-179.

OLIVA, L. C. *A existência e a morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. *Literatura infantil: voz de criança*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PETIT, M. A leitura reparadora. In: PETIT, M. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013. p. 65-81.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: novas perspectivas*. Tradução Celina Olga de Sousa. São Paulo: Ed. 34, 2008.

QUEIRÓS, B. C. de. *Até passarinho passa*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2022.

QUEIRÓS, B. C. de. Leitura: um diálogo subjetivo. In: OLIVEIRA, I. *O que é qualidade me literatura infantil e juvenil?* Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 167-198.

Literature for childhood and (human) finitude: reflections from the work *Até passarinho passa*, by Bartolomeu Campos de Queirós

Abstract

The present study focuses on the theme of death (human finitude) and its approach in the literature for childhood. We analyzed and understood the contribution of Bartolomeu Campos de Queirós' (2022) work *Até passarinho passa*, observed from the perspective of literary reading and the approach to a fracturing or sensitive theme, such as death. Thus, the theoretical contributions of Petit (2008, 2009, 2013), Aguiar (2010), Lotterman (2009), Gama-Khalil and Borges (2022), Anná and Michelli (2022), Coelho (2006), Chevalier and Gheerbrant (1989) and Queirós (2005) are brought to discussion in a specific section. From them, the analyses that comprise the following section are carried out, in which the plot and other narrative aspects are observed. In summary, it can be said that the layers of meaning of the In summary, it can be stated that the layers of meaning in Queirós's (2022) poetic prose embrace the fracturing theme of death and, based on it, are proposed to the reader of the narrative with its elements – despite the choice of narration in first person by the protagonist; the density of poetic prose, capable of leading to the inner gaze that Gama-Khalil and Borges (2022) emphasize or of perceiving subjectivity (PETIT, 2008, 2009) or reparation (PETIT, 2013); and the use of elements such as the bird and the egg in the category of symbols and, therefore, capable of ascending to the meaning that the culture of different places and periods allows us to recognize them.

Keywords:

Children's literature; Finitude; Literary analysis.
